



A História da Criação no Livro de Gênesis: Exegese e Implicações Teológicas

The Story of the Creation in the Book of Genesis: Exegesis and Theological Implications

La Historia de la Creación en el Libro del Génesis: Exégesis e Implicaciones Teológicas

Alfredo Nazareno Pereira Boente ¹

Resumo

O Livro de Gênesis, o primeiro da Bíblia Sagrada, narra a história da Criação do mundo e da humanidade, abordando temas centrais da fé cristã. No primeiro capítulo, descreve como Deus criou o universo em seis dias, estabelecendo a ordem e a harmonia, e no sétimo dia, descansou, tornando-se um modelo de repouso para a humanidade. A história da Criação do homem e da mulher à imagem e semelhança de Deus destaca a dignidade humana e o propósito de viver em comunhão com o Criador. Além disso, o Livro de Gênesis também enfatiza a relação entre Deus e sua Criação, a realidade do pecado e as consequências do livre-arbítrio. Repleto de simbolismos e ensinamentos espirituais, a história da Criação oferece uma compreensão profunda sobre a origem do mundo e a missão do ser humano em sua relação com Deus e a natureza. Sua narrativa não apenas explica a Criação, mas também aponta para a responsabilidade humana no cuidado e na harmonia da Criação divina.

Palavras-chave: História da Criação. Jardim do Éden. Culpa Original.

Abstract

The Book of Genesis, the first book in the Holy Bible, tells the story of the Creation of the world and humanity, addressing central themes of the Christian faith. The first chapter describes how God created the universe in six days, establishing order and harmony, and on the seventh day, He rested, becoming a model of rest for humanity. The story of the Creation

¹Doutor em Engenharia de Produção. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (HCTE - UFRJ). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: boente@nce.ufrj.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2718-4917>





of man and woman in the image and likeness of God highlights human dignity and the purpose of living in communion with the Creator. In addition, the Book of Genesis also emphasizes the relationship between God and His Creation, the reality of sin and the consequences of free will. Filled with symbolism and spiritual teachings, the story of Creation offers a profound understanding of the origin of the world and the mission of human beings in their relationship with God and nature. Its narrative not only explains Creation but also points to human responsibility in the care and harmony of divine Creation.

Keywords: History of Creation. Garden of Eden. Original Guilt.

Resumen

El libro del Génesis, el primer libro de la Santa Biblia, narra la historia de la creación del mundo y de la humanidad, abordando temas centrales de la fe cristiana. En el primer capítulo se describe cómo Dios creó el universo en seis días, estableciendo orden y armonía, y en el séptimo día descansó, convirtiéndose en modelo de descanso para la humanidad. La historia de la Creación del hombre y la mujer a imagen y semejanza de Dios resalta la dignidad humana y el propósito de vivir en comunión con el Creador. Además, el Libro del Génesis también enfatiza la relación entre Dios y Su Creación, la realidad del pecado y las consecuencias del libre albedrío. Llena de simbolismo y enseñanzas espirituales, la historia de la Creación ofrece una comprensión profunda del origen del mundo y la misión de los seres humanos en su relación con Dios y la naturaleza. Su narración no sólo explica la Creación, sino que también señala la responsabilidad humana en el cuidado y la armonía de la Creación divina.

Palabras clave: Historia de la Creación. Jardín del Edén. Culpa Original.

Introdução

O Livro de Gênesis é o primeiro livro da Bíblia Sagrada. Ele é dividido em duas partes principais, com os capítulos 1-11 contando a história de Deus e do mundo inteiro, e os capítulos 12-50 focando na história de Deus, um homem e sua família. Essas duas partes são conectadas por uma espécie de história articulada no início do capítulo 12.

O artigo teve como tema a história da Criação no Livro de Gênesis presente na primeira parte do Livro de Gênesis, onde investigou-se seu significado dentro do contexto histórico, literário e teológico, bem como suas implicações para a teologia cristã, buscando responder





como a exegese da narrativa histórica da Criação contribui para a compreensão teológica da origem do mundo e da relação entre Deus e a humanidade, onde o cunho investigativo está sobre a narrativa da Criação em Gênesis sob uma perspectiva exegética e teológica, identificando suas principais implicações para a teologia cristã, buscando-se uma análise da estrutura literária e o contexto histórico da narrativa da Criação, examinando as principais interpretações exegéticas da narrativa ao longo da história, assim como avaliando as implicações teológicas dessa narrativa para a doutrina cristã sobre Deus, o ser humano e a própria Criação.

A teologia da Criação buscou destacar a soberania de Deus ao transformar o caos primordial em um cosmos ordenado, habitável e bom. Além disso, a história da narrativa do jardim do Éden e da árvore do conhecimento do bem e do mal revela a dignidade do ser humano, dotado de liberdade e responsabilidade no desenvolvimento do mundo onde, a busca da compreensão da Criação ultrapassa uma leitura meramente histórica ou literal e convida a uma reflexão mais profunda e exegética, acerca do papel do ser humano, a partir da transcendência divina de Deus.

Diante desta realidade, nesta pesquisa buscou-se compreender as origens em Gênesis, que narra não apenas o início da humanidade, mas oferece uma chave teológica para entendimento de nossa missão na terra: cuidar da Criação, viver em comunhão com Deus e exercer a liberdade com sabedoria e discernimento. Assim, a análise apresentada neste artigo buscou apresentar um viés exegético e teológico acerca da história da Criação do mundo.

A História da Criação

A história da Criação em Gênesis tem sido um dos textos mais estudados e debatidos ao longo da história da teologia. Compreender seu significado através da exegese permite esclarecer questões teológicas fundamentais sobre Deus, o ser humano e a Criação. Além disso, a análise teológica desses textos fornece subsídios para reflexões contemporâneas acerca da relação entre fé e ciência, bem como sobre o papel do ser humano na Criação divina.

A discussão sobre o estudo da Bíblia Sagrada estava instaurada no mundo católico, e as portas para o uso das ciências auxiliares haviam sido abertas. Os novos estudos geraram uma síntese doutrinal aprofundada e reunida na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, elaborada no Concílio Vaticano II. De acordo com Catenassi (2018, p. 35), a *Dei Verbum* ensina que nós conhecemos a Deus porque Ele decide revelar-se à humanidade. Essa revelação





passa por três elementos: a Criação, a História e a Palavra.

Toda a narrativa da Criação encontra-se descrita em detalhes em Gn. 1,1-31 e Gn. 2,1-25, conforme aponta Castro (2016, p. 49-51).

Gn. 1,1. “No princípio, Deus criou o céu e a terra”.

De acordo com Reimer (2011, p. 12), o que se expressa por meio da frase “no princípio criou Deus os céus e a terra”, em Gênesis 1,1, se refere, em termos sistemáticos, à *Deo Creatio Prima*, a “criação primeira” de Deus, acontecida nas origens. Num tempo que não pode ser nominado em termos cronológicos mais exatos, mas deve ser entendido como momento mítico originário e indeterminado, “Criação” é um espaço conquistado em meio ao caos existente das “águas do abismo”. Este espaço é chamado de “terra” (Gn. 1,2).

Gn. 1,2. “A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas”.

O livro de Gênesis começa com Deus pegando a desordem e a escuridão e criando a partir delas ordem, beleza e bondade.

Ele cria um mundo onde a vida pode florescer, assim como criaturas para habitar esse mundo. Conforme afirma Butterfield (2010), em Gênesis 1,2, o relato sacerdotal nos diz que a terra estava sem forma e vazia, afigurando-se no caos primordial onde a partir do qual Deus iniciou sua Criação ordenando que a luz fosse feita, separando a luz das trevas, em Gênesis 1,3.

Gn. 1,3. “Deus disse: ‘Faça-se a luz!’. E a luz foi feita”.

Deus percebeu que a luz se destacava das trevas, separando o que era dia e noite, conforme descrito em Gênesis 1,4-5.

Gn. 1,4. “Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas”.

Gn. 1,5. “Deus chamou à luz dia, e às trevas noite. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia”.



Figura 1

Deo Creatio Prima



Fonte: DALL-E (2025).

Ainda sobre a Criação, Ratzinger (2020) aponta que no princípio de tudo, diante do nada, Deus realizou a sua obra de Criação, fazendo surgir o Céu e a Terra e, a partir dessas origens, deu forma, estrutura e vida, aquilo que se chamaria paraíso, em Gênesis 1,6-19, e por sua infinita divindade deu a vida a um homem feito sua imagem e semelhança que dominaria sobre todo aquele paraíso.

Gn. 1,6-7. “Deus disse: ‘Faça-se um firmamento entre as águas, e separe ele umas das outras’ Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento daquelas que estavam por cima”.

Gn. 1,8. “E assim se fez. Deus chamou ao firmamento céu. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o segundo dia”.

Gn. 1,9-10. “Deus disse: ‘Que as águas que estão debaixo do céu se juntem num mesmo lugar, e apareça o elemento árido’. E assim se fez. Deus chamou ao elemento árido terra, e ao ajuntamento das águas mar. E Deus viu que isso era bom”.

Numa visão exegética, percebe-se que a cada momento da Criação, a partir da origem, Deus, nos seus feitos, percebia que aquilo que estava sendo realizado, era bom. E isso, o incentivava a continuar o processo de Criação, em Gênesis 1,11-19, até que Ele se desse por

satisfeito, e tivesse, portanto, a sua obra concluída.

Gn. 1,11-13. “Deus disse: ‘Produza a terra plantas, ervas que contenham semente e árvores frutíferas que deem fruto segundo a sua espécie e o fruto contenha a sua semente’. E assim foi feito. A terra produziu plantas, ervas que contêm semente segundo a sua espécie, e árvores que produzem fruto segundo a sua espécie, contendo o fruto a sua semente. E Deus viu que isso era bom. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o terceiro dia”.

Gn. 1,14-19. “Deus disse: ‘Façam-se luzeiros no firmamento do céu para separar o dia da noite. Que sirvam eles de sinais e marquem o tempo, os dias e os anos, e resplandeçam no firmamento do céu para iluminar a terra’. E assim se fez. Deus fez os dois grandes luzeiros: o maior para presidir o dia e o menor para presidir a noite; e fez também as estrelas. Deus colocou-os no firmamento do céu para que iluminassem a terra, presidissem o dia e a noite, e separassem a luz das trevas. E Deus viu que isso era bom. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o quarto dia”.

Figura 2

Da Desordem e Escuridão à Beleza e Bondade



Fonte: DALL-E (2025).

O livro de Gênesis começa com Deus pegando a desordem e a escuridão e criando a partir delas ordem, beleza e bondade. Está escrito em Gênesis 1,20-25, que Ele cria um mundo



onde a vida pode florescer, assim como criaturas para habitar esse mundo (Hamilton, 1990).

Gn. 1,20-23. “Deus disse: ‘Pululem as águas de uma multidão de seres vivos, e voem aves sobre a terra, debaixo do firmamento do céu’. Deus criou os monstros marinhos e toda a multidão de seres vivos que enchem as águas, segundo a sua espécie, e todas as aves segundo a sua espécie. E Deus viu que isso era bom. E Deus os abençoou: ‘Frutificai - disse Ele - e multiplicai-vos, e enchei as águas do mar, e que as aves se multipliquem sobre a terra’. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o quinto dia”.

Após a Criação dos “monstros”, animais, marinhos, assim como a Criação das aves do céu, Deus ainda criaria animais de diversas espécies que habitariam toda a terra, conforme está descrito em Gênesis 1,24-25.

Gen. 1,24-25. “Deus disse: ‘Produza a terra seres vivos segundo a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selvagens, segundo a sua espécie’. E assim se fez. Deus fez os animais selvagens segundo a sua espécie, os animais domésticos igualmente, e da mesma forma todos os animais, que se arrastam sobre a terra. E Deus viu que isso era bom”.

No sentido de se entender o significado [...] das origens do mundo, do ser humano e de sua responsabilidade, conforme afirma Rocha (2007, p. 81), haverá de se ter como base sólida o campo hermenêutico-bíblico. Nesse campo é percebido que o Criador cumpre a sua promessa em termos de Criação e acabamento. Há uma nova ordem que obedece a um esquema: vocação. Palavra primeira e última expressa no hoje de uma proximidade que se impõe e provoca; que solicita uma resposta do homem e da mulher, criados por Deus, conforme descrito em Gênesis 1,26-31.

Gn. 1,26-27. “Então Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra’. Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher”.

Assim, confirma-se a Criação do homem e da mulher, que viriam dominar todos os seres vivos, dominar toda a terra, em Gênesis 1,27-30:

Gn. 1,27-30. “Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher. Deus os abençoou: ‘Frutificai - disse Ele - e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra’. Deus disse: ‘Eis que eu vos dou toda a erva que dá semente sobre a terra, e todas as árvores frutíferas que contêm em si mesmas a sua semente, para que vos sirvam de alimento. E a todos os animais da terra, a todas as aves do céu, a tudo o que se



arrasta sobre a terra, e em que haja sopro de vida, eu dou toda a erva verde por alimento'. E assim se fez”.

Segundo Sarna (1970), Deus faz os humanos, ou 'ādām em hebraico, à "sua imagem", um conceito que tem a ver com seu papel no mundo de Deus. Eles são feitos para serem reflexos do caráter de Deus no mundo, e são representantes nomeados para governar o bom mundo de Deus em seu nome.

Hamilton (1990) afirma que o homem e a mulher criados por Deus devem aproveitar o potencial deste mundo, cuidar dele e torná-lo um lugar onde possam se multiplicar e florescer.

No paraíso planejado e arquitetado por Deus, o Senhor tinha plantado um jardim no Éden, do lado do oriente, e colocou nele o homem que tinha criado (Carriker, 2014). Neste viés, na narrativa Bíblica de Gênesis, Deus abençoa o homem e a mulher e lhes dá um jardim de onde podem começar sua tarefa de construir o mundo, concluindo, portanto, a sua Criação, em Gênesis 1,31:

Gn. 1,31. “Deus contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o sexto dia”.

Figura 3

Seres Vivos, segundo a sua Espécie



Fonte: DALL-E (2025).



Neste contexto, é importante notar que esses humanos têm uma escolha sobre como construirão este mundo, representado nitidamente na árvore do conhecimento do bem e do mal (Reimer, 2011). Até agora, Deus providenciou e definiu para eles o que é bom e o que não é bom, mas neste ponto, Deus lhes dá a liberdade e a dignidade de escolher.

O Jardim do Éden

O fim da obra da Criação de Deus é marcado pelo sétimo dia, quando Ele conclui Seu trabalho e descansa, abençoando e santificando esse dia, conforme descrito em Gênesis 2,1-3. Esse descanso não significa inatividade, mas a plenitude e a harmonia da Criação, onde tudo estava em perfeita ordem.

Gn. 2,1-3. “Assim foram concluídos o céu, a terra e todo o seu exército. Tendo Deus terminado no sétimo dia a obra que tinha feito, descansou do seu trabalho. Ele abençoou o sétimo dia e o consagrou, porque nesse dia descansou de toda a obra da Criação”.

Contudo, ao chegar-se ao desenlace em Gênesis 2.1-3, mesmo sabendo já aproximadamente o que vai acontecer, o leitor fica pasmado quando o relato apresenta, desta vez, uma continuidade tão maravilhosa, tão descontínua. Esta constitui-se num desenlace ao mesmo tempo perfeitamente prefigurado e completamente imprevisível (Butterfield, 2010, p. 24).

No tempo em que o Senhor Deus fez a terra e o céu, não existia ainda sobre a terra nenhum arbusto nos campos, e nenhuma erva havia ainda brotado nos campos, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse; mas subia da terra um vapor que regava todas as suas superfícies, em Gênesis 2,4-6 (Castro, 2016, p. 50).

Gn. 2,4-6. “Tal é a história da criação do céu e da terra. No tempo em que o Senhor Deus fez a terra e o céu, não existia ainda sobre a terra nenhum arbusto nos campos, e nenhuma erva havia ainda brotado nos campos, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse; mas subia da terra um vapor que regava toda a sua superfície”.

De acordo com Castro (2016, p. 50), o Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra e inspirou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem se tornou um ser vivente, conforme descrito em Gênesis 2,7:

Gn. 2,7. “O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas



narinas o sopro da vida e o homem se tornou um ser vivente”.

Deus criou o ser humano à Sua imagem e semelhança e o colocou no jardim do Éden, um paraíso onde ele poderia viver em comunhão com o Criador e desfrutar da abundância da terra, conforme está descrito em Gênesis 2,8-15.

Gn. 2,8-15. “Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, do lado do oriente, e colocou nele o homem que havia criado.

O Senhor Deus fez brotar da terra toda a sorte de árvores de aspecto agradável, e de frutos bons para comer; e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal. Um rio saía do Éden para regar o jardim, e dividia-se em seguida em quatro braços. O nome do primeiro é Fison, e é aquele que contorna toda a região de Hévila, onde se encontra o ouro. O ouro dessa região é puro; encontra-se ali também o bdélio e a pedra de ônix. O nome do segundo rio é Geon, e é aquele que contorna toda a região de Cuch.

O nome do terceiro rio é Tigre, que corre ao oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates. O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para cultivar o solo e o guardar”.

Figura 4

Adão e Eva no Jardim do Éden



Fonte: Heroes (2024).

Segundo Carriker (2014), no Éden, o homem e a mulher receberam a missão de cultivar e guardar o jardim, tendo liberdade para comer de todas as árvores, exceto da árvore do conhecimento do bem e do mal, conforme descrito em Gênesis 2,16-17. Esse cenário



representava um estado original de inocência e harmonia entre Deus, a humanidade e a criação.

Gn. 2,16-17. “Deu-lhe este preceito: Podes comer do fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal; porque no dia em que dele comeres, morrerás indubitavelmente”.

Deus em sua infinita bondade e divindade, dá ao homem uma companheira, a mulher, para que junto dele pudesse cuidar do paraíso, feito para eles, e ali pudessem frutificar e se multiplicar, populando toda a terra, conforme descrito em Gênesis 2,18-24.

Gn. 2,18-25. “O Senhor Deus disse: ‘Não é bom que o homem esteja só. Vou dar-lhe uma auxiliar que lhe seja adequada’. Tendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todos os animais dos campos, e todas as aves do céu, levou-os ao homem, para ver como ele os havia de chamar; e todo o nome que o homem pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro nome. O homem pôs nomes a todos os animais, a todas as aves do céu e a todos os animais do campo; mas não se achava para ele uma auxiliar que lhe fosse adequada. Então, o Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar. E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem. ‘Eis agora aqui - disse o homem - o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem’. Por isso, o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne. O homem e a mulher estavam nus, e não se envergonhavam”.

De acordo com Hamilton (1990), é importante notar que o homem e a mulher têm uma escolha sobre como construirão este mundo, representado nitidamente na árvore do conhecimento do bem e do mal, cujo fruto lhe foi proibido comer, pelo próprio Deus.

A Culpa Original

A culpa original, conforme descrita em Gênesis 3,1-24, refere-se ao pecado cometido por Adão e Eva no jardim do Éden ao desobedecerem a Deus e comerem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Rocha, 2007, p. 99). Esse ato de desobediência não foi apenas uma transgressão de uma ordem divina, mas a escolha consciente de agir à parte da vontade de Deus, buscando autonomia moral e independência d’Ele.

Gn. 3,1-5. “A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o Senhor Deus tinha formado. Ela disse à mulher: ‘É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de



toda árvore do jardim?’. A mulher respondeu-lhe: ‘Podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Vós não comereis dele, nem o tocareis, para que não morrais’. ‘Oh, não! - tornou a serpente - vós não morrereis! Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal’.’”

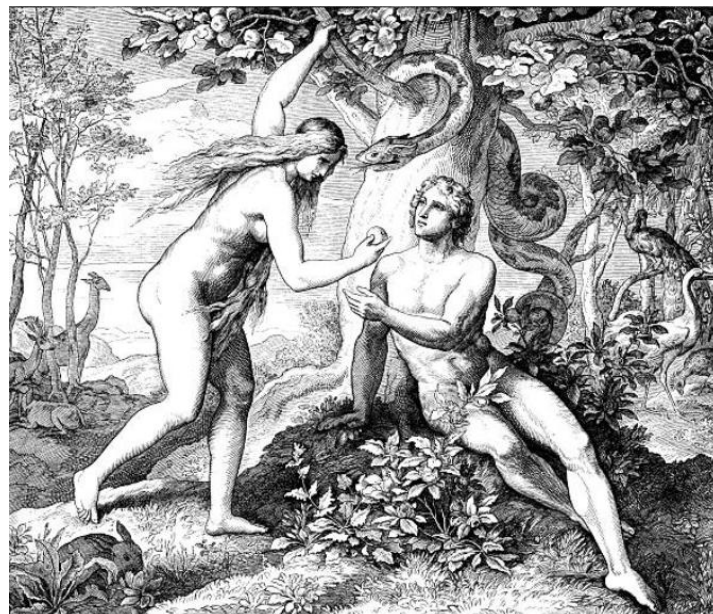
A serpente, símbolo da tentação e do engano, persuadiu Eva a duvidar da palavra de Deus, sugerindo que comer do fruto proibido lhes daria conhecimento e os tornaria como Deus.

Eva, então, cedeu à tentação e compartilhou o fruto com Adão, e, ao comerem, perceberam sua nudez, experimentando pela primeira vez a vergonha e o medo, conforme descrito em Gênesis 3,6-7.

Gn. 3,6-7. A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente. Então os seus olhos abriram-se; e, vendo que estavam nus, tomaram folhas de figueira, ligaram-nas e fizeram tangas para si.

Figura 5

Adão, Eva e a Serpente: Tentação e a Culpa Original



Fonte: iStock (2025).

Agora, o homem e a mulher, Adão e Eva, tiveram seus olhos abertos, por terem comido do fruto proibido a eles pelo próprio Deus, e perceberam coisas diferentes, coisas estranhas,



como o fato de estarem nus, e, se sentirem envergonhados de como estavam, buscaram-se esconder e fizeram tangas com folhas de figueira para “proteger” sua nudez.

Conforme descrito em Gênesis 3,8-11, o homem foi questionado por Deus sobre o seu estado de nudez, percebida por eles.

Gn. 3,8-11. “E eis que ouviram o barulho (dos passos) do Senhor Deus que passeava no jardim, à hora da brisa da tarde. O homem e sua mulher esconderam-se da face do Senhor Deus, no meio das árvores do jardim. Mas o Senhor Deus chamou o homem e perguntou-lhe: ‘Onde estás?’. E ele respondeu: ‘Ouvi o barulho dos vossos passos no jardim; tive medo, porque estou nu; e ocultei-me’. O Senhor Deus disse: ‘Quem te revelou que estavas nu? Terias tu porventura comido do fruto da árvore que eu te havia proibido de comer?’.”

Buscando uma defesa própria para o ocorrido, querendo se redimir de toda a culpa, Adão culpou sua companheira, Eva, de tê-lo levado a desobedecer ao Senhor Deus, onde imediatamente ela, Eva, também buscou defender-se de ter sido desobediente a Deus, conforme descrito em Gênesis 3,12-13.

Gn. 3,12-13. “O homem respondeu: ‘A mulher que pusestes ao meu lado apresentou-me deste fruto, e eu comi’. O Senhor Deus disse à mulher: ‘Por que fizeste isso?’. ‘A serpente enganou-me - respondeu ela - e eu comi’.”

Deus muito decepcionado com a desobediência do homem e da mulher, interpelou a serpente, que fora acusada pela mulher, culpada de tê-los levados a cometeres desobediência a Deus, conforme descrito em Gênesis 3,14-15.

Gn. 3,14-15. “Então o Senhor Deus disse à serpente: ‘Porque fizeste isso, serás maldita entre todos os animais domésticos e feras do campo; andarás de rastos sobre o teu ventre e comerás o pó todos os dias de tua vida. Porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar’.”

Essa desobediência do homem e da mulher, a ruptura entre Deus e sua Criação, conforme descrito em Gênesis 3,16-24.

Gn. 3,16-24. “Disse também à mulher: ‘Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio’. E disse em seguida ao homem: ‘Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e tu comerás a erva da terra. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e pó te hás de tornar’. Adão pôs à sua mulher



o nome de Eva, porque ela era a mãe de todos os viventes.

O Senhor Deus fez para Adão e sua mulher umas vestes de peles, e os vestiu. E o Senhor Deus disse: ‘Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal. Agora, pois, cuidemos que ele não estenda a sua mão e tome também do fruto da árvore da vida, e o coma, e viva eternamente’.

O Senhor Deus expulsou-o do jardim do Éden, para que ele cultivasse a terra ‘de onde havia tirado’. E expulsou-o; e colocou ao oriente do jardim do Éden querubins armados de uma espada flamejante, para guardar o caminho da árvore da vida”.

Figura 6

Adão e Eva expulsos do Jardim do Éden



Fonte: iStock (2025).

Diante do episódio da culpa original, Rocha afirma que:

“O homem se tornou um rival de Deus. Ele foi convidado a ratificar a Criação estabelecida por Deus por sua própria existência, mas por outro lado, e ao mesmo tempo, é tentado de escapar do grau de uma vertigem de auto posição. A lição da liberdade que está em questão, tem cunho radicalmente antropológico. Essa liberdade, biblicamente, não se exerce na neutralidade fora de lugar. Deus não criou um homem sem responsabilidade. A ordem das coisas, em efeito, relacionada a Deus, encontra no mal a sua negação. É um paradoxo: o dom do mundo e a inclinação para o mal se cruzam num mesmo lugar. O homem na sua relação com as coisas, cujo drama desenhado no pé da árvore duplamente, é central na vida e no interdito faz desdobrar a intriga toda por sua vez, única e complexa. O homem não poderá sozinho ser remidor



de si mesmo, diante das consequências do pecado. Sozinho não se salvará. Há uma promessa de restituição da boa ordem da única e mesma criação, e esta vem de Deus. A ruptura está consumada, mas Deus não abandona o homem e nem a sua criação. É importante ter a noção de que há a temática de um acabamento e o estado de Cristo como mediador, que não é reduzido a uma questão de salvação ou de reparação do pecado. Uma mediação de Cristo vai além do pecado, e está inscrita na Criação mesma. Caso não houvesse Cristo se encarnado o homem não poderia ter a noção de quem seria Deus o Criador dos céus e da terra, bem como do próprio humano (Rocha, 2007, p. 102)”.

Essa culpa original trouxe consequências graves: a ruptura da comunhão entre o ser humano e Deus, o sofrimento, a mortalidade e a expulsão do Éden (Gn. 3,16-24).

A narrativa destaca que, embora Deus aplique a justa punição, Ele também manifesta misericórdia ao prover vestes para Adão e Eva (Gn. 3,21) e ao prometer, de forma velada, a futura redenção da humanidade por meio da descendência da mulher (Gn. 3,15), conhecida como o Protoevangelho.

Na teologia cristã, essa culpa original tem implicações profundas, sendo entendida como a inclinação ao pecado herdada por toda a humanidade, exigindo a redenção que se concretiza em Cristo, no neotestamentário, o novo Adão, que restaura a comunhão entre Deus e os homens.

Metodologia

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, de cunho teórico-exegético, fundamentando-se na análise textual, histórica e teológica da narrativa da Criação presente nos capítulos 1 e 2 do Livro do Gênesis. A pesquisa seguiu os princípios da exegese bíblica, com ênfase na hermenêutica teológica cristã, a fim de compreender o significado profundo do texto à luz da fé, da tradição e do magistério da Igreja.

A metodologia adotada compreendeu, inicialmente, a leitura atenta e detalhada do texto bíblico em suas versões canônicas, especialmente com base na tradução da Bíblia de Jerusalém. Em seguida, foram consideradas interpretações clássicas e contemporâneas da narrativa, a partir de obras de referência de teólogos e biblistas como Joseph Ratzinger, Timóteo Carriker, Victor P. Hamilton, João José Pedreira de Castro, Gilberto da Silva Gorgulho, entre outros, bem como documentos magisteriais da Igreja, como a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II.

Para a contextualização histórica e literária da perícopes, foram utilizados elementos da





crítica literária e da crítica histórica, com o intuito de identificar o gênero literário, a estrutura narrativa e os elementos simbólicos da criação presentes no texto da Sagrada Escritura. A análise teológica concentrou-se em identificar as principais doutrinas derivadas da narrativa, como a criação a partir do nada (*creatio ex nihilo*), a soberania divina, a dignidade do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, e o papel da humanidade na Criação.

Além disso, buscou-se compreender a relação entre a Revelação divina e a Criação, destacando as implicações do relato de Gênesis para a teologia cristã, sobretudo no que diz respeito à antropologia teológica, à doutrina da criação e à responsabilidade humana diante do mundo criado.

Exegese Bíblica

A história da Criação em Gênesis é uma das passagens mais fundamentais das Sagradas Escrituras, fornecendo uma base teológica para a relação entre Deus, o mundo e a humanidade. O relato pode ser dividido em três partes principais:

- i) A história da Criação do mundo e da humanidade (Gn. 1,1-31);
- ii) A história da Criação do homem e da mulher em um contexto mais detalhado (Gn. 2,1-25);
- iii) A queda do ser humano e suas consequências diante da desobediência (Gn. 3,1-24).

Esta exegese bíblica buscou analisar o texto em seu contexto histórico, literário e teológico, destacando elementos essenciais para a compreensão da narrativa.

O primeiro capítulo sobre a história da Criação, descrita em Gênesis 1,1-31, apresenta um padrão altamente organizado, no qual Deus cria o mundo em seis dias e descansa no sétimo. A estrutura segue um padrão simétrico, conforme descrito a seguir:

- i) Dias 1-3: Formação (luz e trevas; céus e águas; terra e vegetação);
- ii) Dias 4-6: Preenchimento (luminares; aves e peixes; animais terrestres e humanidade).

O gênero literário desse trecho tem características de um hino litúrgico, descrito por Gorgulho *et al.*, no livro de salmos, como salmo 8 e 33, conhecidos como salmos da Criação, que é um hino de louvor exaltando Deus como Criador e soberano do universo.

“Salmo 33: Louvando a Deus como Criador e Soberano:

Este hino triunfante abre com um chamado aos santos do Senhor para dar louvor a ele pela sua palavra e obra (33,1-4). Eles devem usar todos os meios de expressão





possíveis e adorá-lo com júbilo (33,3). De tal adoração é digno alguém que é retratado por tais qualidades morais como, ‘fidelidade’, ‘retidão’, ‘justiça’ e ‘bondade’ (33,4-5). Saber que tudo o que existe veio a ser Criado do nada pela ordem de Deus é ser confrontado com a pura Criação, e só por isso que Deus merece todo o louvor (Salmo 148,5; Hebreus 11,3). Em linguagem figurada, o salmista descreve a obra criadora de Deus fazendo os oceanos, tão sem esforço como alguém encheria um jarro com água ou um depósito de água num ‘reservatório’ (33,7; Gênesis 1,9-10). Ele simplesmente ‘falou, e tudo se fez’ (33,9). Portanto, todos os habitantes da terra deveriam estar cheios de reverência e temor de sua poderosa força (33,8).

Deus é mais para sua Criação do que seu Criador. Ele também é o rei soberano, dominando todos os negócios dos homens. Povos e nações e sua sabedoria ou servem os propósitos imutáveis de Deus ou acabam em nada (33,10-12; veja Isaías 44,25-28; 45,4-13). Mas ele abençoa a nação que o serve. Esta verdade é baseada no fato que Deus vê toda a atividade humana e, sendo o Criador dos homens, entende todos os planos e motivos humanos (33,13-15). Tal percepção deveria lembrar-nos de que, como Deus é nosso Criador, ele também é aquele que julga até ‘os pensamentos e propósitos do coração’ (Hebreus 4,12-13).

Nada pode salvar um homem ou uma nação, nem mesmo um poderoso exército ou grande força (33,16-17), fora de Deus. Mas para aqueles que temem a Deus e confiam nele, ele é ‘nosso auxílio e escudo’ (33,18-22), e louvamos nosso Criador como um Deus de benevolência (Gorgulho *et al.*, 2002).

Salmo 8: O Que é o Homem?

‘Ó Senhor, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!’ Assim começa e termina o Salmo 8, o cântico de Davi em louvor a Jeová. Esta declaração de abertura e fechamento é o tema principal do salmo, e Davi vê a evidência da majestade de Deus manifestada em sua Criação tanto do universo como do homem. É uma verdade refletida por outros salmos de Davi (19,1), pelos escritores do Novo Testamento (Romanos 1,20), e por muitas pessoas ponderadas e prudentes que consideraram os céus e a terra a evidência do propósito, poder e sabedoria neles refletida (Jó 12,7-9; Jeremias 5,21-25). A sabedoria e o poder de Deus são manifestados quando se observa a maravilha de um recém-nascido não menos do que quando se maravilha com a vastidão do espaço e as incontáveis estrelas (8,1-2). Este paradoxo é a mensagem do salmo inteiro. A primeira impressão sugeriria a pequenez e relativa insignificância do homem em comparação com os céus, a intrincada e artística obra dos ‘dedos’ de Deus (8,3). ‘Que é o homem, que dele te lembres?’ (8,4). A pergunta é uma expressão de assombro: que Jeová, o criador de tal esplendor, se preocuparia com ele e o atenderia. Entretanto, a pergunta já aponta para sua resposta, pois qual outro ser em toda a Criação de Deus tem o conhecimento até para fazer tal pergunta? Na verdade, o homem não se encontra embaixo do resto da criação, mas acima dela. Criado à imagem de Deus (Gênesis 1,26), o homem foi feito um pouco abaixo de Deus e, assim, é a coroa de glória da grande criação de Deus (8,5). O ‘status’ especial do homem entre todas as criaturas de Deus dá-lhe uma dignidade não igualada por qualquer outra criatura. Deus colocou o homem nessa posição, e coroou-o com glória e honra (8,5). O Criador também dotou o homem com o direito de domínio sobre sua Criação (Gênesis 1,26-28). Assim o homem foi incumbido de uma responsabilidade de “dominar” tudo que foi colocado a seu cuidado (8,6-8). No melhor dos casos, o homem nesta majestosa posição é representado no Novo Testamento como um tipo de Jesus, que em sua morte e ressurreição foi ‘coroadado de





glória e de honra' (Hebreus 2,9). O domínio do homem sobre a natureza, contudo, maravilhoso como é, sempre fica em segundo lugar para seu chamado como servo e adorador de Deus. O cumprimento adequado do papel de domínio do homem pode ser realizado somente quando ele reconhece sua total dependência do Criador (Atos 17,24-31). Tal responsabilidade deveria levar, não ao orgulho, mas a um humilde reconhecimento da glória do Criador. 'Ó Senhor, nosso Senhor, quão magnífico em toda a terra é o teu nome' (Gorgulho *et al.*, 2002)".

Tem-se descrito em Castro (2016, p. 49) que, "No princípio, Deus criou o céu e a terra" (Gn. 1,1), indicando que Deus é o Criador supremo e transcendente.

No fragmento de texto que diz: "E viu Deus que era bom", ajuda a reforçar que a Criação é ordenada e possui valor intrínseco.

Analisando teologicamente o que está descrito em (Gn. 1,26): "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança", demonstra a dignidade singular da humanidade, portadora da imagem de Deus.

Sobre a história da Criação da humanidade e o paraíso, Gênesis 2,1-25, diferente de Gênesis 1, que é mais amplo e litúrgico, Gênesis 2 foca na criação do ser humano e no relacionamento com Deus e a Criação. O relato pode ser dividido em quatro partes principais:

- i) Deus forma o homem do barro e sopra nele o fôlego de vida (Gn. 2,7);
- ii) O jardim do Éden é criado como morada para o homem (Gn. 2,8-14);
- iii) A missão do homem é dada: cultivar e guardar o jardim (Gn. 2,15);
- iv) A mulher é criada a partir do homem para ser sua companheira (Gn. 2,18-25).

Neste último, têm-se a mulher que é feita da costela do homem, indicando complementaridade e igualdade, onde o casamento é estabelecido como uma união sagrada (Gn. 2,24): "Por isso, o homem deixa o seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e já não são mais que uma só carne".

Sobre a culpa original, Gênesis 3,1-2, tem-se o relato dividido em cinco partes:

- i) A serpente, que expressa a desobediência, questiona a palavra de Deus (Gn. 3,1-5);
- ii) O homem e a mulher comem do fruto proibido (Gn. 3,6-7);
- iii) Deus confronta o casal (Gn. 3,8-13);
- iv) Deus pronuncia as maldições sobre a serpente, a mulher e o homem (Gn. 3,14-19);
- v) A humanidade é expulsa do Jardim do Éden (Gn. 3,20-24).

Numa interpretação teológica tem-se a implicação da serpente, que simboliza o engano e a tentação, levando o homem e a mulher, a cometer a culpa original ou o pecado original, que expressa a desobediência do ser humano, que vem romper a harmonia ímpar com o





próprio Deus Criador.

Em consequência dessa desobediência a Deus, as maldições lançadas, as dores do parto da mulher e o trabalho árduo do homem, são levadas por eles e para toda sua descendência. No entanto, o homem ao ser criado por Deus, teria uma vida contínua, eterna, que fora interrompida devido a sua desobediência, tendo como verdadeira punição a isto, a morte.

Ao analisar o trecho descrito em Gênesis 3,15, "Porei inimizade entre ti e a mulher...", tem-se a interpretação como o Protoevangelho, uma promessa de redenção e esperança messiânica. Tal promessa foi cumprida no neotestamentário através de Jesus Cristo, pela morte de cruz, vencendo a morte, dando ao homem, mais uma vez a oportunidade de alcançar a vida eterna, por meio do amor fiel à Deus, realizando obras neste mundo, sendo, portanto, permitido por Ele chegar a Nova Jerusalém.

Uma teologia do Deus Criador e mantenedor de sua obra se estrutura em função de cinco momentos (Rocha, 2007, p. 84-85):

Primeiro - Uma teologia da Criação tendo como base a revelação bíblica e cristã, responde a uma apreensão positiva da realidade, que aparece de forma dupla:

- a) A Criação é boa, é bênção de Deus;
- b) A realidade como forma incontornável é sempre para o homem, desde a origem, a ordem de antecedência que comanda uma assimetria. E nessa realidade se dá a presença humana diante de Deus com sua mentira ou com sua verdade; com sua morte ou com sua vida. Assim, o ser criado não se confunde com o Criador.

Segundo - Uma teologia bíblica e cristã da Criação responde a uma questão de origem: De onde vem esta? Que é isto que provoca a pessoa a ser e decidir o que deve ser? A resposta tem a ver com a origem, o estalo inicial, o começo de tudo.

Terceiro - Uma teologia bíblica e cristã do Deus indissolivelmente Criador e recriador, Deus de realização, deverá problematizar a realidade quanto a isto o que ela é. Um pensamento fiel a uma teologia correta da Criação e da recriação se recusará, em qualquer momento de sua reflexão, a fazer do mundo uma ordem de realidade neutra. Logo, é preciso aceitar que Deus é Senhor da realização de todas as coisas.

Quarto - Uma teologia do Deus Criador e recriador aparece de partida ligada a uma figura de mediação cristológica. Todas as coisas foram criadas através de Cristo. O mundo é essencialmente criado. E nessa Criação existe a realidade também do pecado, tornando a Criação um drama. Desta forma, o mundo é lugar de um enigma.

Quinto - Uma teologia cristã do Deus Criador e recriador de todas as coisas, afirma a





Criação de um modo tal que ela aparece intrinsecamente trabalhada por uma escatologia, que por sua vez envia a uma realidade considerada em sua positividade, seu caráter incontornável e sua promessa possível.

Nas narrativas bíblicas tem-se dois princípios acerca da história da Criação, conforme descrito a seguir:

Primeiro princípio: Toda a Criação pertence a Deus e na sua essência possui um valor ético/aestético: bom, muito bom (Dt. 10,14; Sl. 24,1; Jó. 41,11; 6 vezes repetido “bom” em Gn. 1,4; Gn. 1,10; Gn. 1,13; Gn. 1,18; Gn. 1,21; Gn. 1,25). Tem-se, portanto:

- a) A Criação reflete uma característica fundamental de Deus = bom (Sl. 19; 29; 50,6; 65; 104; 148; Jó. 12,7-9; At. 14,17; 17,27; Rm. 1,20). Logo o mesmo raciocínio que aparece em Pv. 14,31; 17,5 pode ser aplicado àqueles que degradam a Criação de Deus.
- b) A “bondade” ou a “beleza” da Criação não se deriva de nós, e sim, de Deus. Não é meramente para o nosso benefício (Sl. 104,14-15), mas possui valor para Deus (vv. 21-26).
- c) A Criação, embora não divina, é sagrada, porque é criação de Deus, obedece a Deus, se submete a Deus, revela a glória de Deus, se beneficia da provisão e sustentação de Deus e serve aos propósitos de Deus. Embora não cultuemos a criação porque ela não é divina (Dt. 4,15-20; Jó. 31,26-28; Rm. 1,25), reconhecemos que é sacra. Ela existe para glorificar a Deus, como nós também existimos para tal propósito. Amar a Deus é valorizar o que Ele valoriza, e isto possui imensa significância missionária (Jo. 14,15; Gn. 1,28 e 2,15). Se Deus se importa conosco mais que com o passarinho (Sl. 84,3; Mt. 6,26; 10,31), a comparação mostra que valoriza muito o passarinho.
- d) Toda a Criação é palco da missão de Deus e da nossa missão. Pertence a Javé (Sl. 139) e pertence a Jesus (Ele aplica a passagem de Dt. 4,39; 10,14; 17 para si em Mt. 28,18; veja também Cl. 1,15-20).
- e) A glória de Deus é o alvo da Criação (Sl. 145,10; 21; 148; 150,6). Não apenas a humanidade, mas toda a criação expressa a sua gratidão a Deus (Sl. 104,27-28) e se alegrará na sua redenção e julgamento (Sl. 96,10-13; 98,7-9).

Segundo princípio: Deus criou a humanidade como espelho seu. A humanidade do ser humano está neste reflexo Criador, ordenador e zelador de Deus. (Gn. 1,28; 2,15).

“Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou





Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher, os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.” (Gênesis 1,26-28).

“Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar.” (Gênesis 2,15).

Então, numa análise exegética teológica, tem-se que o destino, e o bem-estar da Criação estão entrelaçados com o destino humano. Nos relatos da Criação no Livro de Gênesis aprendemos que o destino e o bem-estar da Criação estão entrelaçados com o destino humano. O papel do ser humano - homem e mulher juntos - está ligado ao cuidado e à ordenação proativos de todas as outras criaturas, o que exige conhecimento e “classificação” minuciosa dos seres criados. Em Gênesis 1, nasce o zelo e responsabilidade do ser humano em relação ao seu ambiente: tanto a sociedade em si quanto ao resto da Criação. Em Gênesis 2, nasce a ciência, que implica não só em conhecimento, mas também em responsabilidade.

Já em Gênesis 1,28 esclarece o que significa a função dada ao homem de “dominar” a Criação. A imagem de Deus no homem abrange três áreas de responsabilidade e administração: sua experiência social e familiar (“multiplicar”, “encher”, “dar nome”), sua experiência econômica e ecológica (“sujeitar”, “cultivar”, “guardar”) e o governo ou a área política (“dominar”, “dar nome”). Esses mandamentos (Gn. 1,28; Gn. 2,15; Gn. 2,18-25) marcam o início de uma série de obrigações - o mandato para a família e a comunidade, a lei e a ordem, a cultura e a civilização - que se alarga e se aprofunda ao longo do desdobramento da revelação divina. É tarefa comum de todos, e não somente dos grandes dominadores. Isso significa que todos os homens têm o direito e a responsabilidade de participar em toda a administração deste mundo. Não existem áreas proibidas para alguns, como em geral se pensa em relação à política. Porém, o relato da Criação deixa bem claro também que o homem fracassou nesse mandato, pois falhou com o próprio Deus.

E o pecado criou uma tremenda mancha e estrago na sua função de administrador. A tarefa humana implica a responsabilidade de preservar a ordem que Deus estabeleceu e zelar pela integridade de todos os seus elementos. Tal incumbência não implica liberdade autônoma e autocrática para dispor dos recursos do mundo para finalidades autodeterminadas. Os seres humanos são servos de Deus, responsáveis perante Ele, e têm como primeira tarefa assegurar a permanência e o equilíbrio da Criação. Somos conservacionistas por vocação de Deus, mas não somos regentes independentes.





Duas palavras descrevem a incumbência humana em Gênesis 1,28: *kābaš* (sujeitar) e *rādā* (dominar). A primeira, *kābaš*, é usada em Miquéias 7,19 com ação compassiva de Deus de “sujeitar as nossas iniquidades”. A segunda, *rādā*, é usada para descrever o domínio do rei messiânico (Sl. 72,8; 110,2), modelo para os justos (Sl. 49,14; “o justo os dominará no amanhecer do Dia da Salvação”). Não são termos de violência, e sim, de ordenação redentora. Seguimos o modelo do Rei Supremo que domina com compaixão, benignidade, amor, proteção, generosidade e bondade (Sl. 104; Mt. 6,26).

Estas duas incumbências essenciais da humanidade, “dominar” e “guardar”, são papéis reais e sacerdotais, governar e servir, cujo modelo perfeito é Cristo, o novo Adão. Também são os papéis escatológicos da nova humanidade restaurada no fim (Ap. 5,10). Logo, a boa ordenação (governo, domínio) e o cuidado prestativo de Gênesis 2,15 (guardar, servir) são tanto o nosso propósito original quanto o nosso destino final. Nossa missão não é completa se não inclui a Criação toda.

Conclusão

A história da Criação em Gênesis não apenas descreve a origem do mundo e da humanidade, mas também oferece uma profunda reflexão sobre a relação do ser humano com Deus e com a Criação. Ao abordar temas como a ordem cósmica, a bondade divina e a responsabilidade humana, o Livro de Gênesis estabelece uma base sólida para a compreensão teológica da criação e do papel do homem no mundo.

A beleza desta narrativa histórica reside na sua simplicidade e profundidade, pois, ao mesmo tempo em que apresenta um ato do Criador divino, também transmite valores essenciais para a convivência humana, como a importância do cuidado com a terra, a harmonia com a Criação e a compreensão de que a humanidade é parte integrante de um plano maior.

A questão do livre arbítrio e da responsabilidade humana, tratada de forma simbólica na história de Adão e Eva, continua sendo uma discussão relevante para a reflexão ética e religiosa até os dias de hoje, tanto na religião católica quanto em algumas outras como protestantismo, judaísmo e islamismo, por exemplo.

Além disso, a maneira como a narrativa é construída, com seu ritmo e estrutura, transmite não apenas uma origem material do mundo, mas também um sentido profundo e moral para a existência humana, o que permite que o Livro de Gênesis permaneça uma das passagens mais influentes da tradição bíblica, tanto em termos teológicos quanto culturais.





Portanto, a narrativa histórica de Gênesis, ao abordar a Criação, é um convite à reflexão sobre nossa origem, nosso propósito e nossa relação com o divino. Ela nos desafia a repensar nosso papel no mundo, a forma como nos relacionamos com a natureza e a importância de vivermos em harmonia com os outros e com o Criador, acima de tudo.

Dessa forma, o livro de Gênesis continua a ser uma fonte inesgotável de ensinamentos e inspiração para aqueles que buscam entender a origem do mundo e a verdadeira essência da humanidade.

Referências

- Butterfield, R. A. (2010). Gênesis 1.1-2.4a: Uma interpretação literária. *Numen*, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 11-32.
- Carriker, T. (2014). *Teologia Bíblica da Criação*. Viçosa: Editora Ultimato.
- Castro, J. J. P. et al. (2016). *Bíblia Sagrada*. 215 ed. São Paulo: Editora Ave Maria.
- Catenassi, F. Z. (2018). *Bíblia: introdução teológica e história e sociedade do povo de Israel*. Curitiba: InterSaberes.
- Dall-E. (2025). *Creating images from text*. Disponível em: <<https://openai.com/index/dall-e/>>. Acesso em: 01/03/2025.
- Gorgulho, G.S. et al. (Orgs). (2002). *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. 19 reimpressão. São Paulo: Paulus.
- Hamilton, V. P. (1990). *The Book of Genesis: The New International Commentary on The Old Testament Series*. New York: Eerdmans.
- Heroes. (2024). *Seis responsabilidades que Deus deu a Adão e Eva no Éden*. Disponível em: <<https://www.heroesbibletrivia.org/pt/6-responsabilidades-que-deus-deu-a-adao-e-eva-no-edem/>>. Acesso em: 22/12/2024.
- Istock. (2025). *iStock-Photo*. Disponível em: <<https://www.istockphoto.com/br>>. Acesso em: 01/03/2025.
- Ratzinger, J. (2020). *No Princípio Deus Criou o Céu e a Terra*. 3 ed. Teresópolis: Editora Lucena.
- Reimer, H. (2011). Criação e Cuidado: Perspectivas bíblicas. *Revista Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro, Ano XV, n. 37, janeiro a abril/2011.
- Rocha, N. C. M. (2007). *Criação e Salvação: Um estudo sobre a afirmação teológica da criação e salvação sob o dinamismo do Espírito segundo Pierre Gisel*. 2007. 458f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Centro de Teologia e





Ciências Humanas. Programa de pós-graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Rio de Janeiro.

Sarna, N. M. (1970). *Understanding Genesis: The World of the Bible in the Light of History*. New York: Schocken Books Inc.

Received: 4.2.2025

Accepted: 4.25.2025

